



ISSN: 1983-8379

## O Feminino em o '*Romanceiro da Inconfidência*': Uma questão de identidade

Margareth Maura dos Santos<sup>1</sup>

RESUMO: Este trabalho pretende evidenciar a importância da participação de três mulheres, Maria Dorotéia Joaquina de Seixas (Marília de Dirceu), Bárbara Eliodora e Chica da Silva, na Inconfidência Mineira, narradas na obra de Cecília Meireles com uma rica habilidade de poetisa em criar e contar uma história permeada de fatos "Efêmeros e eternos". Além de tecer sobre o papel das mulheres na história, identificados por meio das questões políticas, sociais e culturais, registrados ao longo dos anos.

Palavras-chave: Feminino; Mulheres; Inconfidência Mineira.

ABSTRACT: This article purpose to show the importance about the participation of three women, Maria Dorotéia Joaquina de Seixas (Marília de Dirceu), Bárbara Eliodora e Chica da Silva, Mineira Conspiracy, related on masterpiece of Cecília Meireles with a wealth of ability of poetess to create and to tell one store sated with cases "ephemeral and eternal". Over there of build about the position of women on the history, identify for politic, social and cultural questions, told for long time.

Key -words: Feminine; Women; Mineira Conspiracy.

A história das Minas Gerais foi marcada por batalhas, sonhos e principalmente, pela poesia. Neste quadro as mulheres não eram visualizadas como personagens participantes, ativos na formação do estado e do país. Sempre representada de modo doce, terno e frágil.

No entanto, na obra de Cecília Meireles as figuras femininas tornam-se marcantes e ganham destaque e podem ser interpretadas por qualquer sujeito de modo plural e também, significativo pelo qual traça o aspecto identitário de cada uma pelo anseio de liberdade e de

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras e Ciências Humanas pela UNIGRANRIO.



ISSN: 1983-8379

construção de uma nova sociedade na época. A Inconfidência Mineira foi um movimento elitista, o qual reunia poetas, militares e clérigos, todos com o intuito do país se desvencilhar da corte portuguesa. Entre estes participantes destacam-se Alvarenga Peixoto e Tomás Antônio Gonzaga, os quais seus amores receberão neste breve estudo enfoque, além da figura relevante de Chica da Silva.

Assim, como a própria autora, Cecília, menciona sobre suas obras que teriam o efeito de “acordar a criatura humana dessa espécie de sonambulismo em que tantos se deixam arrastar. Mostrar-lhes a vida em profundidade. Sem pretensão filosófica ou de salvação – mas por uma contemplação poética afetuosa e participante.” (GOLDSTEIN, 1998, p.12). Este efeito em despertar os sujeitos para uma reflexão não somente de sua história, mas por intermédio da literatura compreender em sua totalidade o que e como as pessoas contribuíram para a formação de nosso povo de modo idealizado, lírico e revelador.

## 1. O Romanceiro da Inconfidência

A obra foi lançada em 1953 e perdurou por dez anos de estudos para a autora. Sua primeira edição foi pela editora Aguilar em 1958. Uma narrativa rimada que constitui a técnica ibérica dos romances populares, tem como temática os aspectos históricos e nacionalistas, se revela uma poesia social.

O Romanceiro da Inconfidência é organizado por 85 romances, cinco falas e quatro cenários sendo que os romances evidenciam a história, as falas convidam o leitor à reflexão sobre os acontecimentos e os cenários descrevem os ambientes, as mudanças de atmosfera resultantes da evolução desses acontecimentos.

Dentre estes três aspectos de organização da obra, há a divisão temática composicional entre os três ciclos: Ouro, Diamante e Liberdade ou Inconfidência com ascensão e queda. Segundo GOLDSTEIN (1998, p. 23) o poema compõe um retrato de época, apresentando costumes, arte barroca, miscigenação racial, poesia arcádica, nomes próprios, dados cronológicos, informações geográficas, retomada dos ‘Autos da Devassa’, através de alusões



ISSN: 1983-8379

ou citações. Cecília partiu da compreensão da nossa história para criar seu Romanceiro da Inconfidência.

O que se pode verificar é que a obra é dotada em seus versos de traços históricos, porém não lança mão das características do lirismo como presentes nos Romanceiros do século XV, por exemplo, o acalanto, a forma de canção para ninar. E a presença do Rococó nas artes, o nosso conhecido Barroco revelado em cada pedaço da cidade e o arcadismo registrado pela natureza e nos gestos delicados das mulheres resultante da harmonia. E a autora na obra narrou tudo o que foi reportado, contado nas terras das Minas Gerais.

O ambiente histórico da narrativa se passa na antiga Vila Rica, a atual Ouro Preto, há menções aos arredores do estado do Rio de Janeiro e até mesmo, aos lugares de exílio dos inconfidentes. Diante desse cenário são constituídas as diferentes personalidades e as situações do contexto histórico, a Inconfidência Mineira no século XVIII.

## 2. O papel das mulheres na história

Diante dessa concepção teórica e histórica devem-se traçar algumas reflexões sobre a representação da mulher no mundo e na sociedade.

Na Idade Média, a mulher era visualizada por sua fragilidade, inimiga dos homens, submissa a eles e somente favorecia na procriação. Nesta época, a mulher era silenciada e reportada pelos clérigos em seus livros com o intuito de identificá-la como virtuosa, assim obteria o caminho da salvação, criou-se uma imagem de boa esposa e símbolo da família.

No século XVIII, as mulheres almejavam o caminho da educação, porém como referencial o homem, ou seja, educá-los e criá-los. De acordo com FARGE e DAVIS (1991, p. 98) cuidar deles quando crescidos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e doce: eis os deveres das mulheres em todos os tempos e o que se lhes deve ensinar desde a infância.

No Brasil, desde o seu descobrimento as mulheres foram relatadas no olhar europeu, donas do lar, senhoras burguesas que desfilavam nos salões das metrópoles com suas peles rosadas e dotadas da cultura dos povos colonizadores. No entanto, as mulheres brasileiras eram mestiças, possuíam os costumes dos índios e negros escravos, sabiam lidar com a terra,

3



ISSN: 1983-8379

o artesanato, a dança entre outras especialidades. Mas estas mulheres eram vistas pelo sensual, erótico e procriador.

Nas Minas Gerais, a partir do século XVIII, as mulheres atuavam no comércio ou no serviço de artesanato. Muitas trabalhavam com panificação, culinária, tecelagem e alfaiataria, quando eram destinados a elas os afazeres de lavadeiras, doceiras, criadas e cozinheiras. Não apareciam no cenário de construção civil, serviços administrativos ou na função política. Ainda havia as negras escravas que ajudavam os homens no serviço de mineração, porém mais leve.

No entanto, no fim do século XVIII, as mulheres são a maioria da população do que os homens na antiga Vila Rica, participantes no plantio e criação de gado, porém continuam excluídas na sociedade.

De acordo com FIGUEIREDO (2008, p. 185) “as mulheres enfrentaram normas dominantes, preconceitos, perseguições, seja da Igreja, seja do Estado ou da administração colonial, para forjar um caminho de participação social e econômica possível.”

Vale apontar que neste contexto havia dois aspectos, as mulheres de uma sociedade burguesa seriam as cuidadoras dos lares e as marginalizadas como as prostitutas e amantes, mas todas viveram em meio às dificuldades e lutas, cada qual procurando um modo melhor de sobrevivência e atuação na época.

## 2.1. As mulheres no Romanceiro da Inconfidência

De modo requintado e sutil, Meireles cria um universo feminino em sua obra diversificando aspectos importantes e inimagináveis na história, onde se revela identidades de caráter ímpar e determinante para despertar o movimento mineiro.

Daí ater-se na discussão sobre três mulheres que desfilam na história do país e das Gerais de modo terno, amoroso e sensual, mas que revelam entre os romances da obra de Cecília, figuras presentes no contexto social, cultural e político com a preocupação em qual percurso o país poderia se direcionar? São elas: Bárbara Eliodora, Marília de Dirceu e Chica



ISSN: 1983-8379

da Silva. Essas mulheres no romance são marcadas pelo sentimento familiar, a melancolia, a riqueza e a liberdade.

## 2.2. A autoria feminina

Cecília Meireles nascida na cidade do Rio de Janeiro, em 07 de novembro de 1907 e faleceu na mesma cidade no ano de 1964. Criada pela avó materna devida a morte de seus pais na infância. Coursou o Normal, magistério, e foi professora muito cedo. Casou-se com o pintor português Fernando Correia Dias com quem teve três filhas.

Considerava-se poeta e não poetisa. Com seu trabalho voltado para o lado intimista e ao abstrato. Seus colegas escritores como Manuel Bandeira e Carlos Drummond elogiaram o trabalho do poeta mesmo que ela pertencesse ao Modernismo permeou suas obras com características do Simbolismo, Arcadismo e Barroco.

A autoria feminina contribuiu para que o Romanceiro da Inconfidência fosse marcado por versos harmoniosos e melodiosos repletos de palavras fortes. E também, para que as representações femininas estivessem envolvidas de modo rico e audaz.

Daí ater-se a questão identitária do poeta que com autonomia e seriedade buscou alcançar nestas personagens femininas o impossível, retratá-las como realmente elas eram representadas na época e suas atuações na sociedade. BAUMAN (2005, p. 17) postula que:

tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.

Assim, a identificação de Cecília com as mulheres da obra se dá a partir da questão de pertencimento do lugar, na história do país e o aspecto da identidade se concretiza no momento em que as personagens ganham formatos diferentes e se comportam de modo diversificado entre elas, ocupam papéis na sociedade inimagináveis de modo sutil.



ISSN: 1983-8379

Nesta perspectiva, Cecília dizia que ao criar o Romanceiro da Inconfidência, ela sentiu um forte apelo de seus fantasmas para que continuasse o trabalho. O fator polifônico presente, o qual dá subsídios para a constituição de outras identidades, talvez o pedido para narrar os fatos como eles aconteceram e evidenciar a representatividade dos sujeitos envolvidos no movimento e na história da região.

Diante disso, BOSI (2006, p. 461) menciona que Cecília revelava que a poesia é grito, mas transfigurado. Percebe-se que a autora utilizou em sua obra a expressividade ao gritar, clamar pela liberdade por intermédio das personagens e os cenários descritos.

Assim, é importante explicitar que a autora em sua narrativa evidenciou a participação e o comportamento de Bárbara Eliodora, Marília de Dirceu e Chica da Silva, estas mulheres descritas na história por sua fragilidade, a emoção e o erotismo, foram nos versos e romances breves da obra personagens fortes e determinadas.

### 2.2.1. Bárbara Eliodora

Nascida em fins de 1758 na cidade de São João Del Rei, Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira, considerada a musa da Inconfidência Mineira. Esposa de Alvarenga Peixoto um dos inconfidentes e viveram juntos por algum tempo até decidirem se casar em dezembro de 1781, neste ano Maria Ifigênia tinha três anos de idade. Depois, tiveram três filhos, José Eleutério, João Damasceno (mudou o nome para João Evangelista Alvarenga) e Tristão Antônio. Vários estudiosos como Américo Werneck, Antônio Cândido e Eliane Vasconcelos, na atualidade, mencionam Bárbara Eliodora como a primeira poetisa mineira. Sendo de sua autoria, as sextilhas “Conselhos a meus filhos” que explicitam o contexto familiar.

Esta mulher de figura singela e doce esteve presente na maioria das reuniões dos inconfidentes, cuja senha para a participação nos encontros era uma fala que remetia ao casal - “Tal dia é o batizado”, por causa do filho João Damasceno. Com sua posição de mulher culta e decidida impediu que Alvarenga Peixoto delatasse os inconfidentes, seus companheiros de ideologia. E ela demonstra em seus versos o medo da denúncia e pede a seus filhos que estejam em atentos.



ISSN: 1983-8379

Ao serem delatados os inconfidentes por Joaquim Silvério do Reis, Alvarenga foi preso e exilado em Angola. Bárbara administra as propriedades da família e luta contra as ideias hipócritas e conservadoras da época e assume as dívidas obtidas pelo esposo.

No Romancero da Inconfidência, há dois romances intitulados à Bárbara Eliodora que a descrevem do seguinte modo:

**“Romance LXXV ou de Dona Bárbara Eliodora”**

Há três donzelas sentadas  
na verde, imensa campina.  
O arroio que passa perto,  
Com palavra cristalina,  
Ri-se para Policena,  
Beija os dedos de Umbelina;  
Diante da terceira, chora,  
Porque é Bárbara Eliodora.  
//

Das três donzelas sentadas  
naquela verde campina,  
ela era a mais excelente,  
a mais delicada e fina.  
Era o engaste, era a coroa,  
Era a pedra diamantina...  
Rolaram sobras na terra,  
Como súbita cortina.  
//

Partiu-se a estrela da aurora:  
Dona Bárbara Eliodora!

Este romance discorre sobre a beleza e a postura de uma dama da sociedade das Minas Gerais da época e seu sofrimento diante do exílio do marido e depois as lágrimas pela morte dele. Além de tratá-la como “*a mais delicada e fina, o engaste era a coroa, era a pedra diamantina(...)*” transparece que esta mulher era considerada na época uma das principais personagens do movimento social e político da região por ser tratada como uma jóia evidenciada pelo seu valor atuante nas discussões da devassa.

**“Romance LXXX ou Do enterro de Bárbara Eliodora”**

Dona Bárbara Eliodora,  
tão ativa e tão cantada,  
que foi Bueno e foi Silveira,

7

dama de tão alta casta  
que em toda a terra das Minas  
a ninguém se comparara,  
//  
Nove padres vão rezando...  
(Dizei-me se ainda é preciso!...  
Fundos calabouços frios  
devoraram-lhe o marido.  
Quatro punhais teve n'alma,  
na sorte de cada filho.  
//  
Dona Bárbara Eliodora  
Toma vida noutros mundos.  
Grita a amigos e parentes,  
Quer saber de seus defuntos:  
Ronda igrejas e presídios  
Fala aos santos mais obscuros.

Os versos destacados demonstram a imponência de Bárbara diante de seus amigos Buenos e Silveira e por ser considerada uma das musas da Inconfidência Mineira. E retoma a tristeza desta mulher ao perder seu companheiro e marido e os quatro filhos que morreram jovens. A busca mesmo após a morte por notícias de seus entes queridos. E ainda o relata do suposto estado de loucura da poetisa.

O romance é finalizado com os seguintes versos:

“Fica o silêncio pensando,  
Nessa pedra, além das grades.”

O silêncio de pessoas que lutaram por seus direitos numa sociedade conservadora, totalmente masculina e Bárbara Eliodora com sua postura e atuação demonstrou ter um papel importante na construção da história das Minas Gerais e do país, mesmo sendo encontrados poucos poemas em seu nome, a pedra por trás das grades não parou a inquietação de vários estudiosos em pesquisar sobre esta personagem que aguça o interesse em se descobrir a participação desta mulher na cultura, no social e na política do Brasil.

### **2.2.2. Maria Dorotéia Joaquina de Seixas**

Nasceu em 1767 na cidade de Vila Rica (Ouro Preto), filha de Baltazar João Mayrink, capitão de Regimento da Cavalaria. Morreu em 1853. Imortalizada pelas Liras de Tomás





ISSN: 1983-8379

Antônio Gonzaga, nomeadas à Marília de Dirceu. Não há muitos documentos que reportem a Maria Dorotéia sobre sua vida, o que existem são lendas e suposições sobre quem na verdade era esta mulher. Há relatos da época que Gonzaga e Maria Dorotéia se encontravam na igreja e lá trocavam juras de amor. Após seu exílio na África, Gonzaga deixa o amor pela noiva no Brasil e se casa com Juliana Mascarenhas.

O que se deve conceber é que Maria Dorotéia tem na literatura brasileira papel importante como o retrato do romantismo, do amor eterno e perdido, e musa inspiradora de Tomás Antônio Gonzaga.

Por Cecília Meireles foi lembrada em três romances.

#### **“Retrato de Marília em Antônio Dias”**

Essa que sobe vagarosa  
a ladeira da sua igreja,  
embora já não mais o seja,  
foi clara, nacarada rosa.

//

A que se inclina pensativa,  
e sobre a missa os olhos cerra,  
já não pertence mais à terra:  
é só na morte que está viva.

Neste romance demarca a vida católica e religiosa de Marília e sua postura diante da solidão e da melancolia depois que fora abandonada por Tomás Antônio Gonzaga.

#### **“Romance LXXIII ou Da inconformada Marília”**

Pungia a Marília, a bela,  
Negro sonho atormentado:  
Voava seu corpo longe,  
Longe, por alheio prado.  
Procurava o amor perdido,  
A antiga fala do amado.  
Mas o oráculo dos sonhos  
Dizia a seu corpo alado:  
“Ah, volta, volta, Marília,  
Tira-te desse cuidado,  
Que teu pastor não se lembra  
De nenhum tempo passado...”  
E ela, dormindo, gemia:

9



ISSN: 1983-8379

“Só se estivesse alienado!”

//

(...) “Não chores tanto, Marília,  
Por esse amor acabado:  
Que esperavas que fizesse  
O teu pastor desgraçado,  
Tão distante, tão sozinho,  
Em tão lamentoso estado?”  
A bela, porém, gemia:  
“Só se estivesse alienado!”

A esperança do retorno do amor que se fora, mas as vozes de consolo que Tomás Antônio não retornaria ao Brasil e esquecera a sua amada do passado. A fala de Marília piedosa e não aceitando que seu amado estivesse louco por tê-la esquecido. Há a presença marcante do sentimento de amor e de dor nestes versos onde se encontram pontos contraditórios de um caso de amor e renúncia, mas que se eternizaram na história e na memória da Inconfidência.

#### “Romance LXXXV ou Do testamento de Marília”

Triste pena, triste pena...  
Triste Marília, que escreve.  
Tão longa idade sofrida,  
Para uma vida tão breve.  
Muitas missas... Muitas missas...  
(Que a terra lhe seja leve.)

O testamento de Marília anuncia a sua despedida da antiga Vila Rica, os versos delineados pela ironia e ao mesmo tempo a contrariedade, a idade longa para uma vida breve, o tempo configurado no sofrimento por um amor idealizado e que se tornou irreal por toda a vida da personagem. E após um imenso compadecimento o que restaria a Maria Dorotéia seria uma morte tranqüila e sem pesar.

Segundo JARDIM (2009, p. 82) essa é a imagem cristalizada e mais comum de Marília que permaneceu como um modelo de comportamento a ser seguido pelas moças e pela sociedade do XVIII e do XIX. A mulher que permaneceu casta e donzela, como tentou provar seu descendente Thomaz Brandão no livro publicado em 1932, uma busca por restabelecer a honra de Maria Dorotéia.



ISSN: 1983-8379

Embora não exista uma vasta documentação que comprove a vida pessoal de Maria Dorotéia, a Marília de Dirceu, da literatura brasileira, não se pode deixar de enfatizar que esta mulher foi inspiração para muitos escritores e estudiosos no país e que sempre será lembrada por expressar o romantismo na cultura do país.

### 2.2.3. Chica da Silva

Em Arraial do Milho Verde/Vila do Príncipe, provavelmente entre os anos de 1731 ou 1735 nasceu Chica da Silva, a filha de Maria da Costa, escrava negra e de Antônio Caetano de Sá, homem branco. O primeiro documento que nomeia Chica após sua alforria, foi em 1754, tendo como registro o nome de Francisca da Silva, parda forra. Uniu-se a João Fernandes de Oliveira, o qual a comprou de Manuel Pires Sardinha em 1753. E de seu relacionamento com o seu ex-proprietário Manuel Pires teve seu primeiro filho, Simão.

Chica da Silva não teve participação direta ou indireta no movimento da Inconfidência Mineira, mas se tornou uma figura relevante na época por ser negra e pela união com João Fernandes e estar incluída na sociedade de Minas Gerais.

Em alguns estudos como o da pesquisadora Junia Furtado registra a busca de identidade de Chica da Silva ao ter conquistado a alforria e obter um nome, ser participante de uma sociedade burguesa e não mais escrava e vivendo na senzala.

Chica também tentava construir uma identidade que a afastasse definitivamente de seu passado escravo e revelasse sua inserção na sociedade do arraial. Francisca da Silva de Oliveira – foi com esse nome que Chica iniciou uma nova etapa em sua vida, em que se afirmava no mundo livre, por seus próprios meios, porém conectada ao homem ao qual permaneceria ligada até o fim de seus dias. (FURTADO, 2003, p. 58)

Diante dessas concepções, Cecília Meireles também sustentou em sua obra a relevância desta mulher, Chica da Silva, na história dos mineiros e dos brasileiros.

#### “Romance XIV ou Da Chica da Silva”

Vestida de tisso,  
De raso e de Holanda

- é a Chica da Silva:  
- É a Chica-que-manda!  
//

Mil luzeiros chispam  
à flexão mais branda  
da Chica da Silva,  
Da Chica-que-manda!  
E curvam-se, humildes,  
Fidalgos farfantes,  
à luz dessa incrível  
festa de diamantes.

Nossa poetisa foi cuidadosa ao criar estes versos e descrever com minúcia a figura de Chica, trajando roupas de tecidos finos e toda imponente e também autônoma e não mais anônima como eram as mulheres da época e principalmente, as negras escravas. Ainda, há a descrição dos homens que admiravam a beleza desta mulher. Os diamantes representam a nobreza, ou seja, Chica era uma dama da sociedade mineira.

**“Romance XV ou das Cismas da Chica da Silva”**

Responde a Chica da Silva  
(assim dizem que pensava):  
-Estes marotos do Reino  
só chegam por estas lavras  
para recolher o fruto  
das grotas e das gupiaras  
//

Eles gastando na corte,  
e a Morte aqui pelas catas,  
desmoronando barrancos,  
engrossando as enxurradas...  
Não sei o que tem este  
Conde:  
não gosto da sua cara!

Apesar de que era considerada sensual e erótica por muitos homens, como postula RIBEIRO (2007, p. 145), a crença do furor sexual vai espelhar o mito da grande amante que encontra uma figuração ideal em Chica da Silva. Ela se preocupava com os aspectos políticos, sociais e econômicos de Minas, desconfiava da presença do Conde português, e sua aproximação de João Fernandes.



ISSN: 1983-8379

Ainda, no romance consta a apreensão acerca da miséria cravada na região do Vale do Jequitinhonha e das Minas Gerais, onde os senhores de terras e políticos esbanjavam o ouro e o diamante. Daí ater-se num símbolo não somente sensualizado e belo, mas numa mulher mesmo sem instrução intelectual, sábia em conquistar seu espaço e manter uma postura independente e repleta de conhecimento do mundo, algo não contado na história.

### **Considerações Finais**

A obra de Cecília Meireles, *Romanceiro da Inconfidência*, evidenciou com transparência e conhecimento a história dessas três mulheres, Bárbara Eliodora, Maria Dorotéia e Chica da Silva, de modo sério, consciente e poético o que realmente elas representam na história das Minas Gerais e do país.

No século XVIII, as mulheres viviam ocultas nas sombras de seus maridos e de uma sociedade masculina. Não tinha voz e nem atuação nos âmbitos ditos importantes no país, como político, econômico e social.

No entanto, Bárbara Eliodora e Chica da Silva demonstraram determinação, inteligência e grande atuação nos movimentos sociais de suas cidades. Maria Dorotéia se eternizou na literatura e na cultura brasileira por sua imagem terna e sonhadora, manteve-se casta e o seu amor por Tomás Antônio Gonzaga até o fim de sua vida.

Em síntese, Cecília Meireles suscitou os leitores sonâmbulos e fez com que eles apoderassem dos fatos que rondavam as regiões de Minas Gerais, precisamente, Vila Rica. Cada romance e versos transportam os sujeitos em diversas situações ocorridas na antiga cidade e retomam os papéis de cada personagem imortalizados como se estes estivessem nas Gerais.



ISSN: 1983-8379

## Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43 ed., São Paulo: Cultrix, 2006.

FARGE, Arlette, DAVIS, Natalie Zemon, *História das Mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 507ed., 1991, v.3.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 9ed., 2008, p.141 – 188.

FURTADO, Junia Ferreira. *Chica da Silva e o Contratador dos diamantes: o outro lado do mito*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. *Roteiro de Leitura: Romanceiro da Inconfidência de Cecília Meireles*. São Paulo: Ática, 1998.

JARDIM, Ana Cristina Magalhães. *De “Marília de Dirceu” ao “Romanceiro da Inconfidência” a construção de um mito na sociedade brasileira a partir do século XVIII.*, 2009. 95 f. (Dissertação em Literatura), Programa Nacional de Apoio à Pesquisa FBN/MinC Disponível em <[http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/ana\\_cristina\\_jardim.pdf](http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/ana_cristina_jardim.pdf)>. Acesso em 6 de abril de 2012.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. 3ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

RIBEIRO, José Luiz. Imagens étnicas na construção do feminino brasileiro. IN: COUTINHO, Iluska (org.). *Comunicação: tecnologia e identidade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p.137-150.